



revista

# Carilante

EDIÇÃO ESPECIAL - ANO II - Nº 03 - 14 DE MARÇO DE 2013.

**A hora e a vez da poesia:  
em versos,  
em tintas,  
em reflexões...**

# Editorial

Comemoramos mais um dia nacional da poesia. Mais uma edição especial, a segunda. Que venham muitas. Muita poesia, tintas e reflexões. Poetizar é uma arte, se divina ou não deixemos que as Musas respondam, se for preciso respostas.

Sejamos poetas nesta edição, em cada folhear, em cada leitura de versos, em cada olhar de imagens, em cada silêncio que se fizer na retomada da leitura de um verso que faz surgir o burburinho da alma, do pensar, do querer saber o que não se diz em vestido de verso. Meu mais do que obrigada aos colaboradores que dão vida a esta edição, recebam minha poesia de ser mulher-menina em tempos em que para ser mulher é preciso largar a menina, e esta não quer sair de mim.

Poesias,  
Rosângela Trajano.



# Poesias

ou

Christina Ramalho  
(Para Gabriela Pelosi)

I

Ela salta do primeiro espelho:  
as pernas loooooooooongas  
descem ligeiro  
bailando ba(i)lançando  
o samba da Mocidade  
o forró de Natal  
a tecno de Madri  
o rockfolkcrazy de Sampa  
ela é bamba, ela é bamba, ela é baaaaamba  
sorriso que não cabe em si  
canção que canta  
no violão sim-não plugado  
à caixa de som no chão  
(mesinha, bandeja, estante...)  
e na música sempre a postos  
tv, cd, dvd, vinil  
headphone, fone  
walkman pra dancegirl  
em mp 3,4,5, seis  
ipod pode-não pode  
downloads loading stars  
potência de ritmos a tocar  
Ella, Elton, Roberto  
Wolfgang e a gangue  
do hitparade sem parar  
que toca  
aqui ali além  
aonde quer que vá  
a menina bailarina  
a menina do Kevin  
a menina chorinho  
a menina da Lapa  
a menina do ninho que voa  
junto com o passarinho.

De volta ao espelho  
na ponta dos pés  
ela deixa no ar

o silêncio sincopado  
e a promessa do rasgadinho<sup>1</sup>.

II

O segundo espelho  
abre as cortinas  
iluminando a menina:  
Caco de uma espectador(Isinha) só  
rindo com o indo e vindo  
do palhaço vestido  
de loucura feliz  
olhos de Audrey  
boca de Monroe  
rosto de Streep  
corpo colorido da Phoebe  
uma bee charmer  
(en)canto em fantasia  
palco passarela  
telona telinha tela  
universo de luzes  
só para ela  
plateia  
de Allen  
Scorsese  
Almodóvar  
Tarantino  
da Disney menina-menino  
do infinito  
de friends  
de straight guys  
de gentes  
entes  
seres ou não seres  
decorados  
adorados  
interpretados  
tragicômica menina  
grace graça do will  
estrela de luz  
que conduz  
a máscaras  
vestidas de dor e alegria.

De volta ao espelho

---

<sup>1</sup> “rasgadinho” é o ritmo mais famoso do carnaval do Sergipe. É parecido com o frevo pernambucano.

na ponta do salto  
ela se vira e mostra  
o homenzinho dourado  
e o sorriso da vitória.

III

Do espelho terceiro  
guardado no marcador  
irrompe a menina abc:  
espanhol  
italiano  
inglês  
francês  
holandês  
a menina que sabe javanês  
fala o idioma universal  
e português  
do poema  
deitada na relva árcade  
concreta no concreto da selva  
maldita nos poetas que virão  
seleta na antologia das horas  
inquieta no silêncio das metáforas  
declamação  
(às vezes reclamação)  
de Camões  
Castro Alves  
Bilac  
da Márcia poeta de semana  
na voz da menina  
pequenina  
que do táxi  
já lia  
o atemporal do poema  
e o bendito anátema<sup>2</sup>  
da paixão  
por verso e prosa  
maldição de não entender Rosa  
e ser plena  
em Goethes  
Shakespeares  
Bocages  
Bradshaws  
Austens

---

2 Excomunhão, maldição.

orgulho e preconceito  
na sina  
da vida  
escrita  
em Letras.

De volta ao espelho  
na ponta do lápis  
ela escreve um the end  
sem fim.

#### IV

Em flashes  
o quarto espelho  
imprime em mate  
a menina preta e branca:  
zoom no bêbado  
na lata de lixo  
no depósito de comidas extintas  
como fênix renascidas  
no cata-cata em foco  
zoom na cidade pichada  
pessoas em pé  
na calçada  
esperando a condução  
zoom na pomba  
ensimesmada  
bicando rotina no chão  
zoom no beija-flor  
asas em gozo-reposo  
na flor  
zoom no filhote morto  
símbolo da selva anunciada  
onde a vida é nada  
o nada que é tudo e se capta  
na lente gulosa da máquina  
zoom nos guarda-chuvas  
espargindo garoa para todos os lados  
zoom nos telhados  
arranhando os céus  
zoom na Casa  
que também é G  
zoom no ver a cidade  
busca angular das verdades  
revelação de mentiras

mais amor por favor  
olho-detetive da menina  
em cuja retina  
habitam lentes gentes  
e o sentimento do mundo.

De volta o espelho  
na ponta dos dedos  
ela guarda em segredo  
o próximo flash  
a ser acessado em www.

V

O quinto espelho  
feito de gol  
mostra a face vascaína  
da mesma inusitada menina:  
a cruz de malta  
vermelho sangue  
ora sangrando  
ora tingindo  
a camisa suada  
branca e negra  
ora ganhando  
ora pedindo  
o título desejado  
conquistado ou não  
incapaz de calar  
o explode coração  
sem partidas  
sem placares  
sem limites  
estrela na terra  
iluminando o mar  
herói português  
na gema carioca  
memórias de Barbosa a Dinamite  
histórias de Mazinho, de Juninho  
contraditórias passagens  
de Edmundo, Romário  
outros e outras talvez  
um craque na emoção da vez  
um drible, uma defesa  
todas as jogadas



ensaiadas ou não  
coração rimando com pendão  
impossível perdão a outra nação  
juízes e cartolas  
na mira  
na marra  
na garra  
na promessa  
ao São Januário.

De volta ao espelho  
na ponta da chuteira  
ela agita a bandeira  
e grita um palavrão.

## VI

Craquelado  
mosaico da vida  
o sexto espelho  
anuncia  
a caleidoscópica menina  
colecionadora de signos:  
go go's de mil cores  
moedas de mil valores  
baralhos do mundo inteiro  
brincos, bonés, bottons  
fofoletes, ursos, cãezinhos  
infinitos bonequinhos  
a turma da Mônica  
a turma do Chaves  
vinte mil Barbies  
Pikachu camaleão  
e todos os Pokemon  
metáforas das máscaras  
que exige o viver  
depois os games do Mário  
a série Friends inteira  
os Normais e sua doideira  
mulheres urbanas e sexy  
cartões telefônicos  
cadernos adolescentes  
agendas de anos recentes  
agendas de anos passados  
bilhetes, cartas, cartões  
distintas línguas

e endereços  
amigos amigas em faces e books  
e uma porção deliciosa  
de tranqueiras  
vigiadas como bandeiras  
trancadas a sete chaves  
como um mapa do tesouro  
que revela o ouro  
da menina que brilha  
entre peças e partes  
de uma história  
cheia de artes  
que não cabe em armários.

De volta ao espelho  
na ponta da prateleira  
ela protege as riquezas  
e vai ampliando tesouros.

## VII

O sétimo espelho não é selo  
é seio de mãe  
apresentando a menina  
pequena leoa rainha  
no alto de uma colina:  
quatro dedos e uma vírgula  
bochechas vermelhas  
boquinha carnuda  
cachos plurais  
vestidos de negro  
adjetivos todos  
fazendo poema maior  
o sentimento do mundo  
inaugurado no ser  
que cresce dentro e fora  
que cresce a toda hora  
e faz a mãe crescer  
mãe filha  
filha mãe  
antíteses semelhanças  
paciências impaciências  
pertinências impertinências  
desesperos esperanças  
mudanças muitas mudanças  
cenas de filme de suspense

cenar de filme de humor  
cenar da rima mais rejeitada  
amor dor dor amor  
dor na saudade do abraço  
amor na vontade do abraço  
espelho de paradoxos  
porque mãe  
mesmo partindo  
é chegada  
é abraço  
é colo  
é conselho  
é espelho espelho espelho  
Amor  
Amor  
Amor  
Amor  
Amor  
Amor  
Amor

De volta ao ventre  
na ponta da hora  
ela olha o espelho  
e sorri

Menina de tantas faces  
não cabe  
numa só música  
numa só personagem  
num só retrato  
num só livro  
num só time  
numa só coleção

Menina de fases tantas  
cabe, contudo, isso sim  
no coração espelho gigante  
emoldurado neste instante  
neste poema de sua mãe.



# DOWN THE RIVER DOWN

**Flávio Perri**

a muitos perdidos nesta cidade dura  
[ao imigrante]  
encontrei-o numa rua em Londres  
escura e cinza mas havia brilho  
no olhar que dizia da crença  
de um lugar ao sol  
onde o calor aquece a alma  
entre duas batidas do coração.  
no outro dia vi-o em outra rua  
ensimesmado destruído  
mas havia brilho jovem no olhar entristecido  
a recordar a fé  
no retorno se tudo não der certo  
vi você várias vezes vários dias  
no ensaio impreciso de ser sem reconhecer  
o ruído de linguagens hiatos de silêncio  
discutindo o passo  
o peso a medida o custo em valores estranhos  
no cálculo insistente do que nunca se tem  
estranho a seus próprios sonhos  
você não tinha nome nem os lugares tinham  
em que o vi  
tudo isso foi há muito tempo  
asas desgarradas  
azul que não mais se vê  
mas a terra na memória  
presente que se busca fora  
para desencontrar-se desesperadamente dentro  
unknown places  
strange faces  
hostile world  
away from home  
manifold  
você estava só  
e a multidão em torno acentua a solidão  
no amor do nada  
sussurros sombras suspiros  
passo a passo o instinto reabre  
o livro do tempo  
e suas imprecisões  
ansiedades afloram fantasmas  
sombras em rio enclausurado

que avança e reflui sempre indeciso  
um dia inútil  
mal pensado mal vivido mal sonhado...  
no modo ingrato de pensar  
o próximo passo a hora seguinte o minuto que não passa  
na espera já quase eterna  
que o distancia de tudo e do interesse no mundo  
esvai-se o tempo na manhã de vidro  
tateia no escuro a noite exasperada  
também o dia morre  
the Sun itself, which makes times,  
as they [all glory of honours all kings] pass, is elder by a year now... [1]  
mais um dia e a alegria prometida  
o mar é longe o ar é frio  
preguiçosa  
tragédia de buscar fratura no tempo  
e desencontrar esse abandono  
nas ruas desertas  
a luz queimada  
o homem inteiro dividido  
ao meio estranho  
desgarrado anseio  
devassada realidade crua  
de sobreviver para comer  
o vento frio a carne nua  
tropical para o calor do sol  
você de novo em outra esquina  
equivoco  
um pouco menos fatigado  
esquivo  
ensaia palavras  
olhos onde mora a alma em busca  
perde sílabas  
horror do erro  
da linguagem do passado  
presente e esquecido  
e todo o tempo lembrado  
mesclado em cores sem futuro  
no caminho sem rumo  
em plena selva escura  
de quem desconheceu o inferno antes  
palavra que fenece  
mensagem do além mar trêmula alegria  
da antiga certeza  
da realidade perseguida noite e dia:  
- lute mas não sucumba à mera luta

não desista mas não perca a vida  
desarmado deslustrado ignorado  
eu encontrei em você um homem  
disposto a tudo  
transposto do passado  
o presente pronto em plena escuridão  
onde não o reconhecem  
nem ouvem  
nem o vêem  
em plena floração  
usado abusado no desconsolado comércio de palavras  
mal ouvidas mal sentidas descomprometidas  
polidez fácil desamor  
entendimento entrecruzado entre hiatos  
de moedas dispendidas  
na sede seca de amor  
a qualquer preço  
nesta praça que não é a outra  
sai de cena  
a cada entrada no túnel  
em um trem de underground  
perseguido túneis  
para lugar nenhum  
derradeiro  
olhar a dúvida muitas vezes medo  
do espelho estilhaçado  
no South Bank over a bridge  
people strange people  
down down socorro  
down

Londres, fevereiro de 2007.

[1] John Donne [1572-1631] from The Anniversary

Flávio Perri [por ele próprio]

sei que nasci porque vivo

mas pressinto que a sorte de viver

me reserva a morte...

fui menino, ambicioso e voraz

nas leituras que depois deixei:

não esqueço Lins do Rego, Graciliano e Bandeira

mas não os li só então

tive a vida inteira

quem jamais diria que o menino viria a ser diplomata

fez carreira

até foi Embaixador

Cônsul onde brasileiros lhe tocaram o coração

hoje vive supondo ser poeta

Rio de Janeiro de seu amor permanente  
o mar que o devora cada dia  
a praia de sol e a imensa alegria  
nasci na cidade de Birigui  
que poucos sabem onde está  
meu primeiro grito deu-se  
em primeiro de dezembro de 1940  
viverei ainda desejando renascer...

meus blogs: [www.poemasinconjuntos.com](http://www.poemasinconjuntos.com)  
<http://ricordanza.blogspot.com/>  
<http://vagaprosa.blogspot.com/>





O que vem  
deste meu ato insensato  
de enviar-te  
poesias,  
livros  
e orgasmos?

Do livro O MAR SOU EU,  
Jean Sartief

disponível na livraria Saraiva e Cooperativa Universitária

Findo em silêncio  
sem saber  
se o teu amor  
é dor ou prêmio.

Do livro O MAR SOU EU,  
Jean Sartief

disponível na livraria Saraiva e Cooperativa Universitária

Poesia Inédita

A grama verde anuncia mistérios.  
Um flor estranha e bela nasce  
onde plantei a poesia.



## A palavra e o sentido

Sobre a mesa já velha e cansada, pousa o poeta  
papel e silêncio.

*À espera do verso, busca  
aquelas memórias mais tímidas (e se diverte com elas).  
Então, ele puxa dali um fio de história e a desenrola até poder  
amarrar um sentido.*

*Mas poesia não é sentido.*

*A poesia não está no tijolo sobre tijolo (previsível edifício,  
como a nossa vida bovina de ração, reprodução e rotina).*

*A poesia só acontece quando um pássaro*

*foge,  
sem asas,  
de um poente em chamas;*

*ou quando se tenta pregar  
o curso de um rio  
ou quando uma pedra  
por ele se encanta.*

*Cabe ao poeta desamarrar o sentido,  
e repousá-lo num escuro tão escuro  
que é claro e vivo.*

*Pois só assim também ele pode despertar  
das lembranças e plantar noutra terreno (talvez)  
aquele seu primeiro beijo e logo  
recolher seu sumo, não por inteiro,*

*mas até estar forte para  
conseguir respirar apenas silêncio*

*e enxergar, sem surpresa,  
naquele pouso do papel,*

*uma boia a salvar a mesa.*

(por Filipe Couto)



Poemas de Leda Miranda Hühne, do livro *Brasileira Rio de Janeiro*: Uapê, 2008. Leda Miranda Hühne é natilense, professora, escritora e editora.

SECURA

CANOA  
ENCALHADA  
NO RIO  
DE VULVA  
RASA

REMOS  
BRAÇOS INERTES  
LARGADOS  
ÀS MARGENS  
ESCALDANTES

VENTO LEVANTA  
AR BUFANTE  
BARRENTO  
— TONTO BARQUEIRO

RIO DE VULVA  
RASA SEM PEIXE  
SEM CALADO  
— TONTO BARQUEIRO  
(2008:19)

ACOMODAÇÃO

TUDO DIA  
MARIA  
NOS DEGRAUS  
DO MORRO  
SE ARRASTA

TUDO DIA  
MARIA  
ESBARRA  
MONTES  
DE LIXO

TUDO DIA  
MARIA  
PÉS  
DE LAMA  
SE AFUNDA

TUDO DIA  
MARIA  
TRANCOS

DO TREM  
BALANÇA

TUDO DIA  
MARIA  
ABRE  
A MARMITA  
SUSPIRA

TUDO DIA  
MARIA  
UIVOS  
ALHEIOS  
RECOLHE

TUDO DIA  
MARIA  
AO SOM  
DE TIROS  
DORMITA

TUDO DIA  
SANGUE  
CIRCULA  
E NÃO IRRITA  
MARIA?  
(2008:62-63)

DESEMPREGO

ÁRVORE ESQUELÉTICA  
NO LENHO  
UM PEÃO NU  
CRUCIFICADO  
PÉS ESFOLADOS  
MÃOS EM SANGUE  
PICADAS  
NARINAS BUFANDO  
ROXAS  
OLHOS LAMBIDOS  
VAZADOS  
- UM CRISTO SEM TRABALHO  
(2008:105)





# Boletim de Ocorrência

Por Tânia Lima

BOFETADA  
PALAVRÃO  
ROUPA RASGADA

TAPA NA CARA  
AMEAÇAS  
ARRANHÕES NO PESCOÇO

MENTIRAS  
INSULTOS  
TENTATIVAS DE SUÍCIDIO

PINTURA DESTRUÍDA  
LIVRO INCENDIADO  
LEPTOP JOGADO NA PAREDE

HUMILHAÇÃO PÚBLICA  
TENTATIVAS DE ESTRANGULAMENTO  
EXTORSÃO E AÇOITE

PROIBIÇÃO DE SE DIZER O QUE SE PENSA  
SANGUE NA LÁPIDE  
HOMICÍDIO DOLOSO

PROIBIÇÃO DE SE FAZER O QUE SE SENTE  
SURRA  
GRITO: HOMOFOBIA

ESTATÍSTICAS DE MAIS VIOLÊNCIA  
SILÊNCIO DAS VÍTIMAS  
DELEGACIA

DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS  
ETERNO RETORNO DA MORTE  
LUTO

PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER  
AINDA CONTINUAM DENTRO DE CASA  
& DE PORTAS FECHADAS

para chico science

eu,  
o caranguejo  
e as vírgulas  
andamos de lado

Orlando Brandão.



era preciso acreditar  
que outonos viriam  
e arrancariam folhas e ventos soprariam  
mas não - insistiu na utopia  
do eterno verão  
das flores que não morrem - do céu  
sempre azul  
tem as mãos e as unhas  
sujas de terra agora  
foi procurar sob as folhas secas  
seus olhos antigos  
não encontrou  
quis mergulhar no campo  
em busca de estrelas que já não havia  
a pedra o salvou a pedra  
o impediu de seguir - a pedra  
filha do fogo  
onde queimam  
poetas e loucos  
filha das horas que sedimentam folhas  
poeiras  
estratos de tempo  
sopro  
a carne  
se curvou à pedra  
o sangue  
fecundou a terra  
era inverno já  
e não sabia - que outras flores viriam  
vieram - ainda assim  
não acreditou

Nydia Bonetti, 1958, engenheira civil, nasceu em Piracaia, interior de São Paulo, onde reside. Mantém o blog *L o n g i t u d e s* - (<http://nydiabonetti.blogspot.com>). Também publica na Revista *Mallarmargens* - <http://www.mallarmargens.com>. Tem poemas publicados em diversas revistas e sites literários e culturais. Publicada em 2012, pela Coleção *Poesia Viva*, do Centro Cultural São Paulo, na antologia *Desvio para o vermelho* (Treze poetas brasileiros contemporâneos), organizada pela poeta Marcella Andresa Becker e publicada também pelo Projeto *Instante Estante*, de incentivo à leitura, curadoria de Sandra Santos, Castelinho Edições. Fez parte da *Poemantologia* da Revista *Arraia PajéuBR*, numa iniciativa conjunta com o Portal *Cronópios*. Tem alguns livros prontos que pretende publicar ainda em 2013. [nydiabonetti@bol.com.br](mailto:nydiabonetti@bol.com.br)

# poesia é

(à Olga Savary)

Sérgio Gerônimo

Outro dia me chegou um poema  
de salto alto com adereços sutis  
endereço de internauta  
um quê de colegial  
disse baixinho em um hálito  
brisa de outono sua identidade...

sou poesia feminina

tentei afastar tal companhia atrevida  
continuou pé-ante-pé no meu pé  
me fez bailarino de linhas tingidas de grafite  
às 3 da manhã não satisfeito  
tocou fogo em meus pensamentos  
me fez diurnos os sonhos

levitei meio torto entre os gêneros  
que a mim se apresentavam  
um poema que se dizia feminino  
batia incessantemente com sua voz  
em minhas idéias um quanto  
radicais e colocou em semitons

minhas raízes vernaculares

ele, o poema – gênero masculino  
(coisa que só os léxicos entendem)  
sabendo-se ser feminina ou seria feminino  
mas, a palavra feminino é masculina: o feminino  
ou será masculino?  
esquisito, não?

este poema de salto alto  
roubou-me as horas madrugadas  
fez-se companhia, como já disse, atrevida  
e com dedos ágeis de tudo sei  
preencheu o vazio até então  
conhecido das minhas entrelinhas

escreveu que voltaria  
no espelho da minha vontade  
deixou embaçado ou embaçada  
os embasamentos latinos da minha língua  
não contente com a contenda  
sem desfecho fiz-me estátua de rodin  
e atônito indagador (cinderelamente)  
com o saltinho alto de cristal entre as mãos  
questionei à poesia  
quando ele voltará, mesmo?  
ela disse baixinho: quem sabe?  
no próximo hálito  
brisa de outono  
quem sabe?

Do livro, CONVERSA PROIBIDA, 2009, Oficina Editores.



## A morte do poema

A escuridão  
vence as estrelas,  
escondendo os personagens  
da janela mágica.

O corpo do poeta é  
pés descalços sobre a cerâmica.  
Seu olhar anseia vento vivo  
que desfaça céu de nuvens.

A poesia aceita o diadema  
que a mansidão lhe oferece,  
e o adorno de vidro  
aprisiona a rebeldia nos cabelos.

Os vizinhos dormem seus dias,  
telhados permanecem além e áridos,  
só o cálice vazio sobre a mesa  
acompanha a morte do poema.

A extensão daquela inação  
ultrapassa o cume dos montes.  
Aves noturnas gritam em suas asas.  
O mistério na noite é rito de passagem.

Márcia Leite, carioca, poeta, contista e cronista. Diretora da APPERJ – Associação Profissional de Poetas no Rio de Janeiro, membro do PEN CLUBE do Brasil. Criadora do projeto literário, premiado com Moção de Louvor Cultural pela Câmara de Vereadores do Estado do Rio de Janeiro, Todas Elas e Alguns Deles, um enfoque no voz feminina da poesia contemporânea. Três livros de poesia publicados: Curtos e Definitivos, Versos Descarados e Aos Pés da Montanha, todos pela Oficina Editores. No prelo o livro de poesia bilíngue (português/espanhol) Lua Atravessada. Publicada em diversas antologias, coletâneas, revistas literárias (tanto com obras próprias como entrevistando proeminentes escritores da literatura brasileira) e sítios na internet. Blog: [www.mulheresdelirantes.blogspot.com](http://www.mulheresdelirantes.blogspot.com) / Skype: [marciamonleite](https://www.skype.com/en/contacts/marciamonleite) / e mail: [marciamonteiroleite@globo.com](mailto:marciamonteiroleite@globo.com)



## Meninas Exemplares

Havia outrora  
Guardado está no fundo de minha memória  
Em um reino muito antigo  
Uma linda história  
De uma menina exemplar  
Que só o bem fazia  
E de todos era a alegria.

Eu, menina sapeca  
Após cada peraltice  
E merecida correção  
Pensava arrependida  
Ser como a pequena do livro  
Primor de graça, bondade e beleza  
Eu, assim, havia de ser  
Afirmava cheia de certeza.

Tentativas em vão  
Eram feitas no calor da emoção.  
Continuava a menina levada  
Que só ganhava palmada.

Pasmem-se, porém,  
Muito após ver a vida passar  
Entendi toda a história  
Perdida entre meu amor e ódio.  
Tenho aquela menina aqui  
Não uma, mas quatro!  
Faz tempo que vivem comigo  
Chegaram de mansinho  
Em meu coração fizeram ninho.

Não adianta perguntar  
Seus nomes não hei de contar  
Um bom segredo ainda sei guardar  
Vá lá... vou soletrar  
E cada um vai adivinhar  
-An- Je-Li-Ga  
Que por incrível que pareça  
Se não quiser, descreia  
Era o nome do reino encantado  
Do meu torto conto de fadas!

Se uma é tímida flor  
Outra me acorda pra dançar  
Aquela me encanta  
E meus males espanta  
Cada uma minh'alma enlaça  
Em minha casa "não faltam doces"  
Por que alguma me trouxe  
O pedido em terna lembrança.

São minhas meninas exemplares  
Como a mesma da aurora  
Que uma avó como todas “caretas” imortalizou  
Um dia em suas letras  
Agora eu sei  
Você também sabe  
Por que eu contei...

Marisa, para minhas “bonecas”  
16-06-2012

## **Canção de perder**

Não, eu não devo mais sonhar  
pois um dia hei de acordar  
mirar o sol e não mais encontrar  
a alegria que antes havia  
ao amanhecer de cada dia.

Sentir sua ausência  
lenta, calma a cada dia  
como o sol vai se pondo  
ao entardecer sem alegria,  
tudo virando calmaria.

Vai doer tanto, amor,  
que meu coração não vai aguentar  
perder sua ternura, após tê-la  
em minha vida todo dia...

Eram todas as manhãs  
e meu peito se acendia  
pelo calor que sua presença trazia  
após, às tardes, sempre  
esperava sua presença  
e a espera me preenchia.

Até que aos poucos fui sentindo  
calada e oprimida a alma  
que de mim seu ardor fugia  
a força próxima de você  
pouco a pouco a luta vencida.

Hoje somente, as vezes sinto  
sua emoção ao me ver  
agarro esses frágeis momentos  
como se fossem oásis  
de água farta e fresca só para mim  
e saiba, somente sobrevivo

desses frugais suspiros,  
agora,nada mais...

Por que,então,sonhar?  
Sei que o mais do tempo eu era  
a esperança de amor  
que o mesmo tempo levou.  
Estorvo,eis o que hoje sou!

Marisa - 18-06-2012 (manhã de solidão!)

### **Amor ao Mar...**

Vamos,amor  
Vamos escalar a montanha  
Lá do alto mirar o mar  
lamber a areia branca  
com seu ar,ao longe,de bravio  
mas tépido,calmo,langoroso  
ao despejar-se com ardor  
rolando em ondas  
que viram nuvens  
mesclando o mar com o sol sem abrir...

Olhe bem,querido,a água luzindo  
a espalhar estrelas no chão  
Conchinhas escondem sons  
Sabes? Ouves?  
Tudo aqui tem gosto de felicidade!

Fiquemos a colher fartas gotas  
deixá-las deslizar pela mão  
ora a direita  
ora a esquerda  
até nunca cansar...

A vida passa tranquila  
nada de correria  
longe da falsa alegria  
das cidades escravas do dinheiro  
amantes do hoje sem amanhã.

Desçamos a colina  
eu,com meu ar novo de menina  
você,com seu jeito nobre de homem  
o meu menino velho!

Jovens,eternamente  
eternamente,almas-criança  
enamorados,sempre!

Pra você que viu comigo a beleza de Mar Del Plata.. Te.amo...amo

Marisa de Moraes (12-05-2012)

## O Rio e a Vida

As águas de um rio  
Andam soltas  
Sôfregas,  
Lépidas,  
Sempre à frente  
A romper rochas  
Despejar-se na pureza das colinas  
Tentando encher os vazios  
Dos imensos abismos...

Ali não existe espera de rever  
Sem tempo de mirar ao redor  
As flores lindas  
Brotadas para enfeitar a luz  
Ou perfumar o anoitecer  
As águas sempre vão  
Nasceram a correr...

Célere a vida, também, passa por entre os dias  
A maioria caminha sem sentir  
Ganância  
Usura  
Gozo efêmero da ilusão de ter  
Sem tempo a perder...

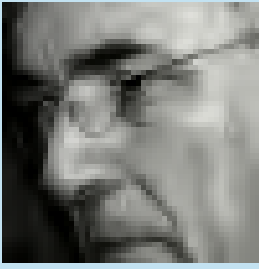
Mas o que há ao fim de tudo  
Que vale tanto buscar?  
Nada.  
Um eterno e vago Nada  
Enfim, tudo e nada estão no mesmo patamar?!

Não creias. Nem tudo é tão assim  
O início e o fim se justificam  
São centelhas de AMOR  
Só ele, pois, poderoso ator e diretor  
É a essência do SER  
E a razão do VIVER...

Marisa de Moraes

14-07-2012

Nasci em Mariana-MG, em 21 de agosto, Marisa Guimarães de Moraes. Orgulho de minhas raízes! Ali vivi até os 16 anos, estudei no Colégio da CNEG Dom Frei Manuel da Cruz, onde me formei (antigo Ginásio) em 1963. Professora, em 1972, trabalhei em Ponte Nova-MG, como professora primária até 1981. Também na mesma cidade me formei em Letras( Português-Inglês) pela Extensão da PUC\_BH. Cheguei no DF, concurrei na antiga FEDF como professora de Português, tendo atuado como professora, coordenadora, diretora em várias escolas, na Diretoria Regional de Ensino de Ceilândia, na Secretaria de Educação, até me aposentar em 2003.Sou mãe de, hoje, 5 filhos, todos professores de formação. Minha paixão pela área frutificou! Tenho “quase” 8 netos, avó “coruja” declarada. Três livros já publicados: Telas da Vida (2005); Contos de Cá e de Lá (2010); Mulher que Conta (2012). Sou uma sonhadora compulsiva. Adoro a vida! Viajar é a minha rotina em busca de me encantar com outras paisagens, conhecer gente e aprender... aprender.



LAU SIQUEIRA nasceu em Jaguarão-RS e reside na Paraíba. Publicou 5 livros e poemas, escreve artigos sobre literatura, arte e políticas públicas para portais, jornais e revistas.

#### MÁSCARA

a beleza  
tem algo brutal  
de concreto e viga  
musgo verdejado  
em olhar de pedra  
...invento  
a beleza é um vento

#### CAETANO

eu digo  
de improviso  
há luz  
no fim do  
precipício  
ou não  
é um luminoso  
de aviso  
e quem sabe  
nada disso

#### JARDINS

são paulo e suas  
artes grafitadas  
espeto enterrado  
no concreto  
cálida e repartida  
demência  
cinema mundo  
sobretudo

#### BANDEIROSO

estou farto do lirismo sem medidas  
do lirismo que desprende as palavras  
do céu da boca e depois cala  
estou farto do lirismo sem compostagem  
poluindo a história da velha modernagem  
e buscando a bofetada de um baile funk  
estou farto desse lirismo bombado que  
balança entre a academia e o espelho

sem uma cerveja com quibe no paulista  
estou farto do lirismo comprado no cartão  
em cinco vezes sem entrada numa livraria  
de shopping - concreto mas sem poesia  
abaixo o poeta turista  
e o lirismo que passeia pelo mundo para  
escrever versos que não saem do quintal  
quero o lirismo dos hálitos informais e dos  
colossais abismos de uma tradição punk  
que vai de patativa e augusto à tzara  
quero o lirismo dos outros  
dos poetas que ainda não li e dos poetas  
que nunca escreveram um único poema  
definitivamente  
não quero saber de lirismo  
sem subversão  
caralho

#### RESUMO

misturo tudo  
que penso e sinto  
num mesmo precipício  
certeza que nunca  
retorna ao mesmo  
tamanho  
sou essa imensa  
eterna e lenta  
mutação  
um estranho  
que aos poucos vai  
tecendo desejos  
(mas, isto é apenas  
um resumo)

#### AS UTOPIAS FLORAIS

eu tenho uma visão  
meio quixotesca  
do mundo  
e não me entrego  
um segundo

Mulheres de Atenas, da Califórnia, de Lisboa,  
do Brasil, da Paraíba, de Serra Nova (RN),  
mulheres do mundo inteiro aonde não posso  
chegar, ainda, guardem dentro de si a coragem  
de vestir-se em trajes de sabedoria e ir riscar a  
vida nas paredes do muro da vitória.

Coragem, mulheres, sempre!

Rosângela Trajano





Mulher

Maria Isabel Schimitt

Quem é esse Ser  
Que não pode ser descrito?  
Que é forte, mas precisa de colo?  
Que ri,  
Que chora,  
Que luta,  
Que estende a mão,  
Mas que também busca e espera  
Uma mão estendida em sua direção?  
Que se protege das dores,  
Mas quando por ela atingida  
Sofre sem limites?  
Que faz das suas cicatrizes  
Razões para outra vez recomeçar?  
Porque viver é a sua bandeira,  
A sua luta,  
O seu desejo,  
O seu motivo.

11/05/07

Não permita!

Maria Isabel Schimitt

Não permita  
Que eu desista de tudo agora  
Depois de tantas  
Dores sentidas  
Tantas alegrias vividas.  
Não permita  
Que eu desista do meu sonho;  
Que eu prefira ficar ao invés de partir;  
Que eu comece a aceitar  
Que tudo deva permanecer como está.  
Não permita  
Que eu permita que voltem  
A me dizer o que devo permitir  
E o que não devo permitir.  
Não permita  
Que eu volte a ser  
Aquela que não mais sonhava;  
Aquela que não mais sentia;  
Aquela que olhava, mas não via;  
Cheirava, mas nenhum odor mais sentia.  
Não permita

Que eu permita  
Que morra a mulher  
Aqui recém nascida.  
11/05/07

Preciso!

Maria Isabel Schimitt

Procurar-te,

Encontrar-te  
Por caminhos  
Que ainda não são meus.  
Preciso!  
Olhar e te ver,  
Tocar e te sentir;  
E quando te olhar,  
Ver em teus olhos refletida  
A minha imagem;  
Sentir-me em tua pele;  
Lembrar-me de minha própria existência  
Quando teu cheiro sentir.  
Preciso!  
Muito!  
Dos teus olhos,  
Da tua voz,  
Do teu calor,  
Do teu pulsar.  
Preciso!  
Unir meus sonhos aos teus,  
E, quando te encontrar,  
Saber realmente quem sou.

10/12/06

Procuo

Maria Isabel Schimitt

Procuo a chave.  
A chave dos meus sentimentos.  
Alguém trancou a porta  
E jogou essa chave fora.  
Esse alguém fui eu.  
Mas esse alguém,  
Já estou reencontrando.  
E quando finalmente encontrar,  
A chave estará na mão.

10/05/06



## **Menino sentado**

Um menino sentado  
Menino sentado  
O menino sentado  
Lua.. na lua.. A lua

Sentado o menino  
Senta menino  
Sentando um menino  
Sinta menino

Na lua, a lua, lua...  
Veste a roupa, menino  
Sentado? Sentado  
Na lua, a lua, lua...

É preciso sentar meninos  
Na (  
Sinta menino.

Rosângela Trajano, escreve poesias para crianças.



## SER MULHER

Ser mulher!  
Ser sensível! Carinhosa!  
Ter a beleza da rosa  
e a candura do jasmim.  
Ser forte e ser delicada,  
sabendo fazer-se amada  
por quem ela está afim.  
Ser mulher...  
É entregar-se sem cobrança  
e, às vezes, sem esperança  
de ter um amor, enfim.

Rosa Regis

Natal/RN

25/08/2007 – 22:55

## CUPIDO MALVADO

Não sei por que ainda espero tanto  
Que algum dia tu cruzes meu caminho  
Se te fostes sem nem ligar meu pranto!  
Sem te importares se fiquei sozinho.

Partiste sem ligar p'ra minha dor,  
Pro meu amor que, sem temor, te dei  
E, só, fiquei! Num mar de amargor  
Que o desamor da minha vida fez.

É que o amor, que não sabe escolher  
A quem amar, tão simplesmente ama,  
Sem nem saber sé é correspondido.

Envolvendo-se em sua própria trama  
De peito aberto, vê-se arremetido  
Nos malhas do cupido, a sofrer.

Rosa Regis

27 de janeiro de 2000.  
( a caminho do Jerimum)



**Artigo**



# DO TEXTO À CRÍTICA IMPRESSIONISTA: ANALISANDO A METALINGUAGEM EM POEMAS

Éverton de Jesus Santos (Graduando/UFS)  
Larissa do Nascimento Oliveira (Graduanda/UFS)

## UMA NOTA INTRODUTÓRIA

Este estudo tem como ponto de partida a análise de poemas metalinguísticos, os quais trazem à baila questões como a própria arte de construir poemas, o lirismo, os efeitos que a fruição poética desperta em quem se envereda pelo conjunto de possibilidades que a palavra, não mais em latência de dicionário, proporciona, fazendo reluzir a consciência e a sensibilidade, como cintilam as joias lapidadas pelo engenho dos argutos ourives.

Isso porque o trabalho com a poesia é minucioso e requer um olhar atento às peculiaridades de um gênero capaz de dizer muito com tão pouco, como no caso de alguns poemas de extensão mínima, mas que significam enormemente. E esse contato com a lírica foi intermediado pela professora Christina Ramalho, que, através do projeto de pesquisa “No meio do caminho tinha um poema: repensando as teorias e as práticas em torno dessa presença”, desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho, tenta observar a presença do poema tanto na citada instituição de Ensino Superior, quanto em colégios públicos e privados localizados na cidade de Itabaiana.

Desse modo, nas reuniões iniciais do grupo de pesquisa, alguns poemas que versam sobre a temática da metalinguagem foram trazidos e discutidos, originando a escritura de curtos ensaios, nos quais expúnhamos as nossas interpretações e a construção do sentido daqueles textos a partir de uma perspectiva individual. Por isso, as análises que aqui serão expostas são mais impressionistas que críticas; trata-se, sobretudo, de um conjunto de escritos, os quais focalizam o que o poema diz sobre “a arte da palavra” manifesta em poesias de escritores brasileiros.

Para o presente artigo, utilizamos os poemas “All or nothing at all”, de Frederico Barbosa; “Inania Verba”, de Olavo Bilac, e “Não coisa”, de Ferreira Gullar. Como já foi dito, os poemas selecionados têm em comum o caráter metalinguístico, o que nos proporcionou também uma visão ampla sobre a consciência criadora dos poetas, além de termos conseguido obter um panorama no que concerne aos conhecimentos acerca da arte do lirismo.

## DO TEXTO PARA O TEXTO: A EDIFICAÇÃO DO POEMA

Frederico Barbosa é um poeta pós-moderno, para quem, para haver invenção, deve existir a história. Em suas produções, faz jogos de contraposição dos sentidos e procura novas formas de escrever, saindo dos modelos mais clássicos e fixando-se num modelo de poesia inventiva. Não gosta de poesias sem originalidade, com poucas ideias. Tenta deixar no leitor uma marca forte e considera que todo artista deve refletir sobre sua arte, por isso, acha importante que o poeta também seja um crítico literário e desenvolva consciência plena sobre o trabalho com a linguagem poética.

Grande apreciador de jazz, Barbosa deu a um de seus poemas o título “All or nothing at all”, nome de uma música clássica composta por Arthur Altman, com letra de Jack Lawrence, e cantada por Frank Sinatra, em 1943. Esse poema faz parte do livro Nada Feito Nada, publicado em 1993, que apresentamos a seguir:

All or nothing at all

Tudo ou todo nada,  
pedra ou furo d'água,  
feito cada palavra,  
lança, dardo, ferida,  
em cheio nada.

De nada em nada,  
o se-dizer do tudo,

feito risco na água,  
onda, contorno,  
reflexo de nada.

Nada feito nada,  
no poema  
não há termo meio,  
meio-amor, meia-palavra.

Do sem  
sentido intenso  
se faz  
um tudo atento,  
feito a palavra  
em  
cantada,

nada  
feito  
nada.

(BARBOSA, 2007, p. 158)

Nesse poema, fala-se a respeito de como a palavra em estado de poesia passa a ser um tudo depois de ser nada. Afinal, apenas quando se atribui sentido a um termo, quando ele está em uso e não em estado apenas dicionarizado, a barreira do “sem sentido” se transforma em “aquí algo se diz”. Porém, se não compreendemos o significado de um poema, por exemplo, se não conseguimos adentrar o âmago de uma poesia, a palavra não sai de seu estado de letargia, não ferve em nossa mente causando o esclarecimento e, por isso, é como se não houvesse nada a dizer, a comunicar, a fazer sentir, permanecendo a obscuridade.

Além disso, o sentido de um poema transita entre a perenidade e a efemeridade, cabendo ao leitor fazer de uma obra algo que não seja um “furo d’água”, uma coisa que, após ter sido criada, está entregue ao esmorecimento. Para tanto, a partir de uma palavra que nada comunica, deve-se fazer um “tudo atento, feito a palavra em cantada”. Afinal, é na atribuição de sentido e de valor que algo ganha existência, que passa a ser, que tem um propósito. Dessa forma, o nível metalinguístico do poema de Barbosa articula, igualmente, a relação entre o poema e o leitor, afinal é com a participação deste último elemento que aquele poderá abundar e existir, significar, traduzir sentimentos, emoções e estados de alma, sendo “lança, dardo, ferida, em cheio nada”. Ademais, por ser um poema curto e repetitivo, cria-se um efeito circular. Isso faz com que, na medida em que o leitor vai lendo o poema, se o faz mais de uma vez, torna-se mais clara a ideia central do poeta: “[...] no poema não há termo meio, meio-amor, meia-palavra”, ou é ou não é.

O poema é capaz de mostrar isso através das comparações entre termos díspares entre si, e sem uma aparente relação entre eles: “Tudo ou todo nada, pedra ou furo d’água, feito cada palavra, lança, dardo, ferida, em cheio nada”. Nesse trecho, é possível notar que a comparação é feita através da palavra “feito”. Também vemos que o “tudo” representa a “pedra” e o “nada” um “furo d’água”, isto é, o tudo representa algo concreto, e o nada representa alguma coisa que não existe na realidade, só na imaginação.

A partir de tais reflexões, ressalta-se a apropriada afinidade entre o tudo e o nada para representar a poesia, gênero este que, a despeito de ser tão nobre, por vezes é tão discriminado, e que por isso geralmente cai no nada, no vazio da não-significação ou no limiar da interpretação superficial e mecânica, não chegando à apoteose - ao tudo - da sua existência.

Passando agora a outro poema, trazemos o de Olavo Bilac, um dos poetas parnasianos mais conhecidos no Brasil, que adotou em suas criações as formas fixas, com destaque para os sonetos. Seu estilo faz-se de uma combinação entre a tradição lusitana e o parnasianismo francês, trazendo simplicidade em suas formas e linguagem. Segue abaixo, um dos seus poemas metalinguísticos:

### Inania verba

Ah! quem há de exprimir, alma impotente e escrava,  
O que a boca não diz, o que a mão não escreve?  
— Ardes, sangras, pregada à tua cruz, e, em breve,  
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava;  
A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...  
E a Palavra pesada abafa a Idéia leve,  
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo?  
Ai! quem há de dizer as ânsias infinitas  
Do sonho? e o céu que foge à mão que se levanta?

E a ira muda? e o asco mudo? e o desespero mudo?  
E as palavras de fé que nunca foram ditas?  
E as confissões de amor que morrem na garganta?

(BILAC, 1977, p. 141)

Olavo Bilac, traçando a relação entre a inquietante necessidade de dizer e a provável impotência das palavras que têm por função traduzir o que se passa no íntimo do indivíduo, traz, na composição poética “Inania verba”, o conflito que abate o poeta, ou o eu-lírico - no caso do poema -, ou, por extensão, todo aquele que quer comunicar, comover, persuadir, falar. A partir dessa composição poética, cujo título pode ter como tradução literal “palavra vazia”, percebe-se como o eu-lírico revela o quanto é difícil expressar seus sentimentos através de palavras, pois, por mais que tente, não é possível expressá-los de maneira exata.

Lendo o poema, é possível imaginar o retrato que o eu-lírico faz da sua agonia: “O pensamento ferve, e é um turbilhão de lava”, ou seja, depois de expressar seu pensamento que mais parecia um vulcão em erupção, ele nota que tudo aquilo que exprimiu não foi suficiente para expressar o que realmente sentia, como se observa no seguinte verso: “A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve”. Já nas duas últimas estrofes, o eu-lírico pergunta a si e aos leitores quem é capaz de expressar tudo que sente, e faz isso com a intenção de deixar claro que ninguém consegue descrever exatamente o que passa em sua mente, além de dizer que as aflições, alegrias, paixões ou qualquer sentimento não podem ser expressos simplesmente por palavras.

“Quem o molde achará para a expressão de tudo?”, isto é, quem encontrará a forma modelar capaz de corporificar tudo aquilo que a consciência imagina, cria, arquiteta, mas que tem tanta dificuldade de transformar em corpo fecundo e prenhe de vida conforme era - a Ideia - antes de exteriorizar-se? Aliás, ao tratar da necessidade de dizer, de solidificar o Pensamento numa Forma, podemos relacionar isso com o que diz Hilda Hilst: “sabe, às vezes queremos tanto cristalizar na palavra o instante, traduzir com lúcidos parâmetros centelha e nojo, não queremos?” (2012, p. 60). Aqui também é possível perceber a vontade de dar existência ao que é difícil de apreender e de tornar palpável. E isso também acontece com a “ira muda”, o “asco mudo” e o “desespero mudo”, tudo aquilo que por algum motivo permanece na esfera do indizível e que se submete ao “sepulcro de neve”, onde estão as palavras que, ou são ditas, mas não compreendidas, ou que nem chegam a ser pronunciadas, descansando, assim, inermes num sepulcro.

O “céu que foge à mão que se levanta”, as “ânsias infinitas do sonho”, as “palavras de fé que nunca foram ditas” e as “confissões de amor que morrem na garganta” são exemplos daquilo que Bilac expõe como inapreensível ou como inexprimível por algum motivo. Seja como for, trata-se ainda aqui da Ideia que “refulgia e voava” antes de se tornar “Palavra pesada”. Observando-se que o poema de Bilac apresenta repetições temáticas e exemplos que ressaltam a relação “Pensamento vs. Palavra”, podemos dizer também que “Inania verba” é uma composição poética circular, visto que trata da dificuldade de converter em Forma algo que se passa no íntimo do ser humano.

Por fim, trazendo mais um pouco de Hilda Hilst para dialogar com o poema de Bilac, apresentamos esse excerto da escritora: “Há certas coisas que eu preferiria calar. Há outras que eu preferiria dizer. Agora não

sei se digo as coisas que preferiria calar ou se calo as coisas que preferiria dizer.” (2012, p. 67). Calar ou dizer, eis a questão. Transformar em Palavra aquilo que repousa no interior do silêncio pensado, ou deixar que nada seja expresso pela (possível) incapacidade de traduzir em palavras o que a pessoa sente?

Imersos nessa dúvida, continuamos no duelo, proposto pelo poema, entre pensar e dizer. Pois, “O que a boca não diz, o que a mão não escreve” também pode estar situado no âmbito do medo, da timidez, do desconhecido, do interdito. Como se pode notar, entre o querer falar, o dizer e o silenciar existem mais vinculações do que supõe a nossa vã filosofia.

Por fim, apresentamos o último poema do nosso estudo: trata-se do “Não-coisa”, de Ferreira Gullar. Esta obra aborda a ideia de que o poema é um organismo que exige sensibilidade e capacidade de significação por parte de quem com ele se depara. Ademais, abre espaço para a relação entre o fazer artístico com os malabarismos da linguagem e as sensações alcançadas pelo corpo humano.

Não-coisa

O que o poeta quer dizer  
no discurso não cabe  
e se o diz é pra saber  
o que ainda não sabe.

Uma fruta uma flor  
um odor que relume...  
Como dizer o sabor,  
seu clarão seu perfume?

Como enfim traduzir  
na lógica do ouvido  
o que na coisa é coisa  
e que não tem sentido?

A linguagem dispõe  
de conceitos, de nomes  
mas o gosto da fruta  
só o sabes se a comes

só o sabes no corpo  
o sabor que assimilas  
e que na boca é festa

de saliva e papilas  
invadindo-te inteiro  
tal do mar o marulho  
e que a fala submerge  
e reduz a um barulho,

um tumulto de vozes  
de gozos, de espasmos,  
vertiginoso e pleno  
como são os orgasmos  
No entanto, o poeta  
desafia o impossível  
e tenta no poema  
dizer o indizível:

subverte a sintaxe  
implode a fala, ousa  
incutir na linguagem  
densidade de coisa  
sem permitir, porém,  
que perca a transparência  
já que a coisa é fechada  
à humana consciência.

O que o poeta faz  
mais do que mencioná-la  
é torná-la aparência  
pura — e iluminá-la.

Toda coisa tem peso:  
uma noite em seu centro.  
O poema é uma coisa  
que não tem nada dentro,

a não ser o ressoar  
de uma imprecisa voz  
que não quer se apagar  
— essa voz somos nós.

(GULLAR, 1998, p. 77)

Nesse poema, encontra-se a afinidade entre a utilização da linguagem para dizer aquilo que é sentido e a questão da recepção, a qual deve acontecer para que a fruta, ao ser saboreada, seja compreendida e efetivamente consumada. Por isso, em “Não-coisa”, diz-se que “A linguagem dispõe de conceitos, de nomes mas o gosto da fruta só o sabes se a comes”. É a partir daí que ressaltamos as sinestésias presentificadas no poema, quando se fala em comer, em corpo, em sabor, em boca, em barulho, em orgasmos, em odor, em clarão. Tudo isso engloba a necessidade que o eu-lírico tem de refletir sobre o que não cabe no discurso, sobre o que ainda desconhece, mas, sobretudo, sobre aquilo que o poeta ilumina ao tornar aparência, tornando a “coisa” observável e sensível. Desta forma, a poesia seria uma maneira emotiva de analisar um objeto, de coisificá-lo, de torná-lo linguagem, de enfatizá-lo com olhos menos pragmáticos, de jogar com os sentidos a fim de materializar algo que supera a palavra, apenas. Logo, Gullar quer que se procure “o que na coisa é coisa e que não tem sentido”, ressaltando, desse modo, a essência que é inerente ao objeto, e que só é traduzível pela poesia.

Assim, seja através da subversão da sintaxe, da implosão da fala, da impressão na linguagem de uma densidade específica de coisa, contanto que não se permita perder a transparência do objeto - fechado à consciência humana -, eis aí o manifesto do poeta. Uma voz que cria uma coisa que não tem nada dentro - o poema -, mas que não se cala por não conseguir se aquietar. É esse “nós” que encerra “Não-coisa” que admite a inserção de uma coletividade que não se restringe àqueles a quem se chama de escritores, posto que qualquer pessoa pode criar arte, basta que seja sensível e capaz de indicar novas formas de ler e de interpretar a realidade.

Podemos comparar esse poema com os poemas “All or nothing at all” de Frederico Barbosa, e “Inania Verba” de Olavo Bilac, visto que todos retratam basicamente a mesma imagem. No de Frederico Barbosa, expõe-se a relação entre o tudo e o nada, em que um nada, quando expressado de maneira intensa, pode se tornar um tudo grandioso, porém, não exatamente o que se é. A título de exemplificação, destacamos os versos “Do sem sentido intenso se faz um tudo atento, feito a palavra em cantada” (“All or nothing at all”), de Barbosa, e “(...) invadindo-te inteiro tal do mar o marulho e que a fala submerge e reduz a um barulho” (“Não-coisa”), de Gullar.

Quanto a “Inania Verba”, pode-se considerá-lo mais parecido com o poema “Não-Coisa”, já que naquele,

Bilac faz a mesma observação perspicaz que Gullar: a de que a expressão dos sentimentos e das sensações através das palavras não abarca completamente o que se passa no interior de quem enuncia. Ambos os poetas criam também representações e imagens que tentam demonstrar a dificuldade referente à expressão, como se pode perceber nesses dois excertos: “Ardes, sangras, pregada à tua cruz, e em breve, Olhas desfeito em lodo, o que te deslumbrava...” (“Inania Verba”), e “um tumulto de vozes de gozos, de espasmos, vertiginoso e pleno como são os orgasmos” (“Não-coisa”).

#### POR FIM, A POESIA CONTINUA

Tendo em vista a proximidade semântica entre os três poemas abordados neste estudo, nossa preocupação maior foi perceber a questão de como os poetas poetavam sobre a poesia do que comparar os textos entre si. Por isso, justificamos a ausência de referenciais teóricos a respeito da metalinguagem e da lírica, porque, como dissemos, este trabalho é mais impressionista do que especificamente científico. Além disso, entendemos a questão da plurissignificação da obra de arte literária, o que remete ao fato de cada leitor poder, dentro de alguns limites ditados pelo autor e pelo texto, ressignificar a obra de acordo com o seu grau de interpretação.

Nesse sentido, partimos para a explicação dos poemas, tentando compreender em que medida o texto cria um discurso no que se refere a si mesmo, nas suas dificuldades, na sua gênese, na sua recepção. Por isso, tanto em Frederico Barbosa, quanto em Olavo Bilac, e em Ferreira Gullar, o que se observa é a relação entre o dizer e o receber o que foi dito; a sutil teia que liga aquele que enuncia - e que portanto quer ser compreendido -, e aquele que lê ou ouve, e que deveria ser portador do mesmo dispositivo (seria a chave já descrita por Drummond quando fala sobre o reino das palavras?) existente em quem se sente compelido a dizer.

E é tudo ou nada. As palavras não podem ser vazias. A não-coisa deve ser coisa.

Para concluir, trazemos um poema de Cassiano Ricardo (apud CLAVER, 1993, p. 133) e convidamos os leitores a enveredarem pelos caminhos a que a fruição lírica pode conduzir quando há a predisposição para o belo encontro com a poesia.

1

Que é a poesia?  
uma ilha  
cercada  
de palavras  
por todos  
os lados.

2

Que é o poeta,  
um homem  
que trabalha o poema  
com o suor do seu rosto.  
Um homem  
que tem fome  
como qualquer outro  
homem.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Frederico. All or nothing at all. In: BARBOSA, Frederico; DANIEL, Cláudio. Na virada do século. Poesia se invenção no Brasil. São Paulo: Sandy, 2007.

BILAC, Olavo. Inania verba. In: \_\_\_\_\_. Poesias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 141.

CLAVER, Ronald. Escrever sem doer: oficina de redação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993, p. 133.

GULLAR, Ferreira. Cadernos de literatura brasileira - editados pelo Instituto Moreira Salles. São Paulo, n° 6, setembro de 1998. p. 77.

HILST, Hilda. Uma superfície de gelo ancorada no riso: antologia Hilda Hilst. Seleção, organização e apresentação Luisa Destri. São Paulo: Globo: 2012.



**Ensaio**

## Território lírico

Certa vez meu amigo Filipe Couto me pediu que elaborasse um texto definindo “poesia”, pois ele, em suas aulas de Literatura no curso pré-vestibular, desejava levar a seus alunos e a suas alunas depoimentos e versões diversas sobre a possível conceituação de poesia e, a partir disso, provocar na turma o desejo de pensar sobre o tema. Eu escrevi:

Um corpo poroso. Um mata-borrão. Um sentimento de urgência atado ao dia a dia. Movimento de resistência às forças que estagnam. Mola-mestra para as tentativas de tradução dos enigmas do mundo. Desejo vivo de ir além da morte. Filtro colocado na boca do esgoto. Rosa dos ventos. Biruta, indicando os ventos; biruta, amalucando o planeta. Galo cantando manhãs. Cigarra cantando tardes. Coruja piando noites. Panfleto vermelho jogado no chão. Munição, arma, desejo de guerra. Mansidão, flor, desejo de paz. Teia de aranha nas prateleiras. Folha no chão dizendo “É outono!”. Suor no rosto dizendo “É verão!”. Cachecol no pescoço dizendo “É inverno!”. E todas as primaveras no corpo ao mesmo tempo. Ampulheta acionada pela voz da urgência. Onda batendo forte, onda serpenteando mansa. Farol no meio do mar. Oásis no deserto. Pronto Socorro. 0800. Palavras gritando contra o silêncio que aflige. Palavra revestida de outra palavra. Palavra reinventada na boca de espera. Palavra ensimesmada querendo amigo. Palavra em estado de graça plantada na realidade sem graça. Palavra ainda sem nome nascendo dos acontecimentos. Palavra surda e muda com linguagem de sinais própria. Palavra com medo. Palavra sem medo. Palavra sem dinheiro. Palavra que não se cala. Palavra que canta. Eis o poeatar.

E por que poeatar? Porque, além das livrarias e das bibliotecas, além dos comércios e dos críticos, além muito além do improvável sucesso, há, no poeta/na poetisa, uma angústia incessante de dizer, no sentido transitivo – de expor, enunciar, exprimir por palavras; proferir; discursar; recitar, declamar; mandar, ordenar; rezar; mostrar, indicar; referir, narrar; dar a conhecer, apregoar; apontar, censurar; supor, imaginar; afirmar, asseverar; estar inclinado a crer, ter opinião, parecer; chamar, denominar; aconselhar, persuadir –, aquilo que lhe (ao poeta ou à poetisa) vem como verbo intransitivo. Poeatar, porque, acima das antologias e das histórias literárias, acima das feiras e das bienais, acima muito acima das listas dos mais lidos, há, neste “ser que cria”, um livro infinito a ser escrito em forma de livros finitos. Há, no poeta, um menino sempre vivo que fala o que sente porque é menino, e um velho, muito velho e sabido, que converte em símbolos as palavras do menino, para que este não apanhe e deixe, por isso, de ser menino. E, se o poeta é uma mulher, há, igualmente, nela, a menina viva e a velha sábia driblando os obstáculos.

E porque o poeatar não exige tempo nem espaço para existir como pulsão; e



porque o tempo e o espaço se inscrevem no poeitar como matéria-prima de uma fábrica preexistente; o poeta (e o contista e o cronista e o romancista e o dramaturgo e todas essas palavras no feminino), escravo/a do fabricar, vive, ele/a próprio/a, além das fronteiras. Ontem, hoje ou amanhã, não importa. A poesia é o mundo sendo. A poesia é o gerúndio (bravamente sustentado pelo galo, pela cigarra e pela coruja).

O que lhe escrevi estava banhado pela ânsia de tentar expressar, em estilo pessoal, o impacto da poesia sobre mim e, de algum modo, através do texto, tentar ser mais uma voz de incentivo à paixão da juventude pelo poema. Todavia, acima das tentativas de todas as pessoas que se comovem com o destino da poesia numa cultura cada vez mais massificada e automatizada e querem contribuir para que o poema não seja abandonado, há a existência viva de um texto que, contrariando todas as previsões pessimistas, resiste ao tempo, aos espaços, às circunstâncias, e, mesmo em prateleiras menos privilegiadas das livrarias, segue seu destino de “dizer e comover”. A poesia, enfim, sabe sozinha defender seu território.

Christina Ramalho

(30 de setembro de 2008)

Referência: RAMALHO, Christina. Território lírico. In: \_\_\_\_ & PASCALE, J. G. (Orgs). Água terra fogo ar. Crônicas elementais. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2011, p. 72-74.



Revista Barbante  
Ano II - Nº 03 - 14 de março de 2013 - Edição especial  
ISSN 2238-1414

Expediente

*Editores*

Rosângela Trajano  
Christina Ramalho

*Revisão*

Dos autores

*Conselho editorial*

Filipe Couto  
Márcio de Lima Dantas  
Rosa Regis  
Sylvia Cyntrão

*Webmaster/Webdesigner*

Danda Trajano

*Ilustrações*

Tamara Quírico

Artista plástica formada pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ), mestre em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) e doutora em História social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Atualmente é professora adjunta do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ART/UERJ).

Os textos assinados são de inteira responsabilidade  
dos autores.



**3221.4602**

Avenida Rio Branco, 335  
Ribeira | 59025-003 | Natal/RN  
lucgraf@yahoo.com.br